

O intelectual orgânico como dirigente poético: o fazer poema de Agostinho da Silva como ação diretiva do intelectual orgânico dos subalternos em Gramsci

The organic intellectual as a poetic leader: Agostinho da Silva's poem-making as a directive action of the organic intellectual of the subalterns in Gramsci

Cídio Lopes de Almeida¹

Resumo: O conceito de intelectual orgânico gramsciano apresenta ampla fortuna literária nas Ciências Sociais e na História da Filosofia. Porém, é pouco explorado na perspectiva dos autores da filosofia luso-brasileira, no sentido de ser inserido no debate com os conceitos específicos desse jeito de filosofar. O objetivo do artigo consiste em relacionar a ideia de viver poético, segundo Agostinho da Silva, com a atividade diretiva do intelectual orgânico em Gramsci, para traçar algumas perspectivas de práxis poéticas. O problema levantado está circunscrito em verificar como o conceito de intelectual orgânico, em Gramsci, pode servir-se da poética, em Agostinho da Silva, que tem por desafio criar uma narrativa aquém da hegemônica e como pauta profissional dos/as cientistas das religiões. Como hipótese incipiente, considera-se a existência de proximidades entre os conceitos de fazer poesia de Agostinho da Silva com a atividade do intelectual orgânico de Gramsci. Isso será realizado através da metodologia bibliográfica.

Palavras-Chave: Viver Poético. Intelectual Orgânico. Gramsci. Agostinho da Silva. Cientistas das Religiões.

¹Recebido em: 05 de jun, de 2023
Aceito em: 18 de out. de 2023

Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Membro do Grupo de Pesquisa Cátedra de Teologia Pública (FUV). E-mail: cidioalmeida@gmail.com . Bolsista FAPES.

Abstract: The concept of Gramsci's organic intellectual has a wide literary influence in the field of Social Sciences and even in the History of Philosophy. However, it is little explored from the perspective of authors in Luso-Brazilian philosophy in terms of bringing Gramsci's concept into dialogue with specific concepts of this philosophical tradition. The objective of this article is to relate the idea of poetic living in Agostinho da Silva to the directive activity of the organic intellectual in Gramsci, in order to outline some possible perspectives of poetic praxis. The problem that drives us is to examine how the concept of the organic intellectual can draw upon Agostinho da Silva's poetics, which challenges the creation of a narrative beyond the hegemonic and serves as a professional guideline for Religious Scientists. As a hypothesis, we consider that there are similarities between Agostinho da Silva's concept of making poetry and the activity of Gramsci's organic intellectual. Our methodology will be bibliographical.

Keywords: Poetic Living. Organic Intellectual. Gramsci. Agostinho da Silva. Religious Scientists.

Introdução

Trazer o conceito de intelectual orgânico e relacioná-lo com um tema específico do pensamento de Agostinho da Silva² pode

² George Agostinho Batista da Silva (1904 – 1994) foi um professor de filologia e humanidades, licenciado, em 1928, e doutorado, em 1929, em Filologia Clássica, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sua atuação como docente e escritor pode ser pensada num recorte temporalmente em três etapas. Primeiro, na Europa, depois, na América do Sul e, por fim, o regresso à Europa. Outra chave que nos permite ver sua biografia é seu deslocamento por vários lugares e instituições culturais e universitárias, por onde esteve sempre à frente da criação de departamentos ou centros culturais. No recorte temporal, a primeira desta via andante se deu na Europa, logo após a sua formação acadêmica na Universidade do Porto, em Portugal, colaborando com a Revista Seara Nova, baluarte do movimento cultural denominado de Renascença Portuguesa. A partir de 1931, Agostinho da Silva fez estágio cultural em Paris, França. De volta a Portugal, em 1933, atuou como professor do que hoje chamamos, no Brasil, de Ensino Médio, na cidade de Aveiro, até 1935, ano em que foi demitido por não assinar a Lei Cabral, que obrigava todo funcionário público de Portugal a declarar que não participava de sociedade secreta ou subversiva. Após ser demitido, ele conseguiu uma bolsa de estudos no Ministério de Relações Exteriores da Espanha, e foi estudar no Centro de Estudos Históricos de Madri, na Espanha. Porém, em 1936, regressou a Portugal em função da iminência da eclosão da guerra civil espanhola. Nessa época, criou-se o Núcleo Pedagógico Antero de Quental, em 1939, o primeiro de vários outros empreendimentos neste sentido, dedicando-se a publicar uma série de cadernos de iniciação cultural. Em 1943, Agostinho da Silva fora preso pela polícia política do Regime de Salazar (António Salazar governou Portugal entre 1933-1968), justamente sob a suspeita de ser um subversivo, porém,

rememorar o conceito de uma “guerra de posição”³, no sentido de empreender esforços para relacionar no debate especializado da produção científica um tema e um autor, que, apesar de sua vasta produção, ainda se mostra pouco tematizado nas pesquisas acadêmicas. Nosso recorte envolve sua concepção de fazer poesia enquanto maneira de filosofar, e a relação proposta será com o conceito de intelectual orgânico do subalternizado, segundo Gramsci.

Após delinear o que seja a poesia para Agostinho da Silva, no recorte de que o agir humano não alienado é por excelência criação poética, nossa ocupação, na segunda seção do artigo, consiste em reconstruir nos seus elementos fundamentais o conceito de intelectual orgânico gramsciano, na perspectiva de apreciar em que sentido o filosofar poético de Agostinho da Silva se aproxima dele e em que se difere.

Motivado na própria ideia de Gramsci sobre a categoria intelectual orgânico, enquanto aquele que dirige atividades, na terceira seção, perspectiva-se lançar algumas reflexões, indagando como os dois conceitos articulados emergem como referência para a atuação dos/as cientistas das religiões.

nada foi constatado. Esse fato fez com que ele, em 1944, partisse para o Brasil já na segunda fase temporal de sua biografia, com curtas estadias no Uruguai e na Argentina, vindo a radicar definitivamente, em 1947, no Brasil – primeiro na cidade de São Paulo e depois na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, seu percurso pelo Brasil foi até 1969, quando regressou a Portugal, incluindo as cidades de João Pessoa, na Paraíba, Salvador, na Bahia, Florianópolis, em Santa Catarina, e Brasília, no Distrito Federal. Em todas essas cidades, ele atuou como professor. Na Bahia, ele fundou também o Centro de Estudos Afro-Orientais, contexto que o levou depois a ser assessor de política externa do presidente Jânio Quadros. Em Santa Catarina, atuou como Secretário Estadual de Cultura. Em sua terceira fase biográfica, Agostinho da Silva retornou, em 1969, a Portugal, por onde continua a atuar como professor e tratar os temas da cultura, sobretudo no seu papel de consultor do Instituto Camões. Ele visita regularmente a comunidade autônoma da Galícia, região da Espanha, que tem ligações linguísticas históricas com a língua portuguesa e com Portugal. Por fim, notabiliza-se entre os portugueses por uma série de entrevistas que concede à Rede de Televisão Portuguesa (RTP), nos anos 1990. Para mais detalhes biográficos sugerimos a seguinte leitura: PINHO, Romana V. *O essencial sobre Agostinho da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2006, p. 95. Consulte também: FRANCO, António C. *O estranhíssimo colosso: uma biografia de Agostinho da Silva*. Lisboa: Quetzal Editores, 2015, p. 736.

³ SEMERARO, Giovanni. Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, n. 29, p. 95-104, 2007, p. 100.

1. O fazer-se poema como atividade dirigida em Agostinho da Silva

O pensamento de Agostinho da Silva tem sido abordado sob a perspectiva do problema da filosofia luso-brasileira. A Filosofia, nesta chave de leitura, não representa uma abordagem pacífica entre os pesquisadores da Filosofia universitária no Brasil. Nosso objetivo, nesta seção do artigo, será justamente articular o problema desta exclusão, para, na sequência, mostrar a sua existência e sua especificidade. Esta condição de ser preterida em um dado circuito de produção filosófica nos leva a verificar certa proximidade com o tema do intelectual orgânico, em Gramsci.

1.1 A esfera do gosto como ponto de subalternização

Sobre o problema de não considerar a filosofia luso-brasileira como Filosofia, nossa proposta de abordagem do tema será como uma relação de subalternização, segundo o conceito de intelectual orgânico, em Gramsci. Neste jogo, em que um dado conjunto de pensamento, já organizado em forma de livros ou na atuação de um/a professor/a, é desconsiderado nos lugares de prestígio que tratam uma variação do mesmo assunto dita mais apropriada, é que dialogamos com as reflexões de Paulo Roberto Margutti Pinto. Para ele, existe uma cultura acadêmica que desabilita a possibilidade de haver um pensamento filosófico luso-brasileiro, ou seja:

Ao invés de reconhecer que essa avaliação etnocêntrica simplesmente ignora a nossa especificidade enquanto produtores de algum tipo de atividade filosófica num sentido mais amplo e pluralista, uma parte importante dos intelectuais brasileiros preferem decretar a nossa falência filosófica com base numa perspectiva europeia excessivamente restritiva [...] produz uma autoimagem peculiar que nos retrata como autodidatas sem preparo, como amantes de novidades e incapazes de especulação séria.⁴

Pode-se destacar que a justificativa pela recusa de uma narrativa, ainda que ela seja semelhante, funda-se na ideia de um

⁴ PINTO, Paulo R. M. A tarefa da filosofia brasileira. *Revista Outra Margem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-14. 2017, p. 6.

gosto geral. Para Paulo Margutti, “faltam-lhe reconhecer que a atividade filosófica não se reduz a um padrão único e pode ser expressa das mais variadas maneiras. É por isso que a filosofia brasileira tem de ser buscada em nossa própria história cultural”⁵.

Em complemento ao argumento supracitado, Jessé de Souza considera que este tipo de valoração pode ser explicado sob a perspectiva de ser socialmente construído a partir do tema do gosto. Em suas palavras, o autor explica:

A temática do ‘gosto’, ou melhor, da competência estética, como elemento generativo das distinções sociais no capitalismo avançado. A competência estética como percebida por Bourdieu é uma contraposição à definição ‘idealista’ de estética como propugnada por Kant. Foi Kant que tornou famosa as distinções entre gosto refletido ‘versus’ gosto ‘sensível’, entre Wohlgefallen e Genuss, entre o belo e o agradável (grifo do texto).⁶

Retirada esta mítica essencialista de que o pensar pertence a certos indivíduos e a outros não, é possível reconsiderar a interdição do debate sobre Filosofia luso-brasileira ou colocar em suspeição as tentativas generalistas que procuram desconsiderar a sua existência. Este jogo de classificação baseado no gosto e aplicado ao conhecimento emerge como núcleo de onde se deve investigar as motivações que inserem como válidas algumas narrativas e outras não. A este propósito, que nos permite desconstruir certos discursos pela estética, Jessé de Souza retoma um ponto que sempre parece infame às elites hegemônicas. Observe:

Cada classe social ou fração de classe teria uma estética. A classe trabalhadora, por exemplo, o pano de fundo a partir do qual todas as outras classes se diferenciam, é caracterizado por uma relação de continuidade entre arte e vida, o que implicaria a subordinação da forma em relação em todas as dimensões do gosto.⁷

⁵ PINTO, 2017, p. 7.

⁶ SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Leya, 2018, p. 93.

⁷ SOUZA, 2018, p. 93.

Ao considerar que o gosto é fruto das frações de classe social, sendo a do/a trabalhador/a a que aproxima à vida e à arte, pode-se avançar para pensar uma Filosofia que procura se expressar como atividade poética, no sentido de uma atividade de criação humana ou nos termos de Agostinho da Silva, como veremos na próxima seção, isto é, como um fazer-se poema enquanto atividade filosófica.⁸ Justifica-se a suspeição de que a interdição da Filosofia luso-brasileira se dá na medida em que ela deseja aproximar este mundo do trabalho, a partir da realidade socioeconômica de Brasil e Portugal, como forma de fazer Filosofia.

1.2 A poética de Agostinho da Silva

Sobre a poesia e a própria poética como Filosofia, em Agostinho da Silva, Amon Pinho, na organização da *Biblioteca Agostinho da Silva*, indica o que compreende neste autor por “Filosofia como modo de vida poiético”⁹. Para ele, em termos etimológicos e para a concepção do tema em Agostinho da Silva, a poesia significa:

‘Criação’, ‘fabricação’, ‘confeção’. *Poesie* de tessituras cognoscitivas, cognitivas, éticas e estéticas, nas quais, para o referimos mitologicamente, Atena e Apolo não são sem Afrodite e Dioniso, em que a ciência move-se a inspiração e o refinamento da razão apura-se através da embriaguez potencializadora dos sentidos e do sentir (grifo do texto).¹⁰

Para além desta ideia de um pensar entranhado no viver, que Amon Pinho denominou “drama-em-gente” e exemplo de pensar engajado no viver, alguns temas e conceitos contidos no diálogo

⁸ SILVA, Agostinho. *Filosofia enquanto poesia: sete cartas a um jovem filósofo, conversa com Diotima, Filosofia nova e outros escritos*. São Paulo: É Realizações, 2021.

⁹ No original, o autor utiliza a expressão: “poiética de vida”, e não poética. Saiba mais em: PINHO, Amon. *Filosofia enquanto poesia: sete cartas a um jovem filósofo, conversa com Diotima, Filosofia nova e outros escritos*. São Paulo: É Realizações, 2021, p. 419.

¹⁰ PINHO, 2021, p. 419.

Póicles, de Agostinho da Silva, permitem vincar, em boa medida, o que seja a sua poética. A este propósito, pode-se destacar o seguinte:

PÓICLES – [...] o mestre não deve formar os discípulos à imagem de Heráclito ou do sapateiro ou à sua própria imagem, deve fazer alguma coisa de mais alto e de mais belo – e também, ó Menêxeno, de mais difícil; deve-lhes dar o hábito e o amor do pensamento, desenvolver o que neles há de ver verdadeiramente humano; deve acostumá-los a chegarem sempre ao fim dos seus raciocínios, a não se cansarem e desistirem a meio; deve levá-los a que tenham as ideias como guias da vida; todo o homem que pensa e se obedece é caminheiro da estrada da verdade, venha donde vier, venha por onde vier. O nosso mal, meu amigo, está em que não pensa a maior parte dos homens.¹¹

De resto, na citação acima, para além da proximidade do viver com o pensar, destaca-se o tema do mestre que não pretende formar discípulos a lhe imitar. Esta concepção no fazer poético pedagógico de Agostinho da Silva, que valoriza, na relação professor-aluno ou mestre-discípulo, a liberdade e a autonomia no percurso formativo do discípulo, mostra-se fértil na interação com o conceito de intelectual orgânico de Gramsci. Esta liberdade abriria ao discípulo a possibilidade de exercitar poeticamente uma nova narrativa.

Para expor mais detalhes sobre o tema, Paulo Borges sintetiza conceitualmente a poesia de Agostinho da Silva. Em suas palavras:

Uma das faces menos estudadas do multiforme Agostinho da Silva é, a nosso ver, a de poeta. Poeta que, na linha de uma das tendências mais singulares de algum do mais original pensamento português, como se verifica em Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa, nos surpreende pela densidade pensante, metafísica e mística, conciliando o rigor da forma e da ideia, o simples e o elaborado, a clareza apolínea da palavra e a dionisíaca ambiguidade do sentido, tudo fluindo numa toada inspirada, cantante e dançarina que seduz e arrebatava o entendimento para a iluminativa coincidência e transgressão dos contrários e antinomias meramente conceptuais

¹¹ SILVA, 2021, p. 152.

em que habitualmente enredamos a nossa vida mental.¹²

Para Paulo Borges, o pensar poético de Agostinho da Silva se mostra portador de múltiplas possibilidades temáticas ou plural de sentidos. Multiplicidade a qual ressaltamos como mais um traço – ao lado da autonomia do discípulo – da poética deste pensador. Para Amon Pinho, a forma como este pensar poético se mostra ainda é peculiar. Para aproximar o viver do pensado, “aquilo com que deparamos no pensar agostiniano é com uma dramática da filosofia, ou se melhor expresso, uma dramática filosófica”¹³. No lugar da figura do mestre que exige ser imitado, o mestre poeta Agostinho da Silva provoca a criação, e, descrevendo como o escultor Fídias, teria criado a famosa deusa *Palas*, após interrogar vários modelos: “uma *Palas* que até o fim dos fins fosse para a alma de cada homem uma interrogação e um modelo?”¹⁴

1.3 A poesia do Grupo de São Paulo

Por último, nos destaques feitos sobre a poesia de Agostinho da Silva, o lugar da atividade coletiva na produção deste conhecimento não parece ser periférico. Esse aspecto será abordado nesta seção na medida em que aproxima do intelectual orgânico como aquele que dirige atividades, e não apenas elabora ideias. Neste sentido, para Constança Marcondes Cesar, “a reflexão desses autores – Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e Vicente Ferreira da Silva – teve como ponto de partida a crítica da sociedade atual”¹⁵, e, “particularmente, a crítica das religiões institucionais”¹⁶.

Essas ideias não se dão sem um diálogo com outros pensadores, mas estão situadas no debate das ideias com a tradição filosófica, “sobretudo as de Schelling e os escritos de Nietzsche e de

¹² BORGES, Paulo. Do “nada que é tudo”: a poesia pensante e mística de Agostinho da Silva. *Revista Convergência Lusíada*, São Paulo, v. 21, n. 23, p. 292-325, 2007, p. 292.

¹³ PINHO, Amon; PINHO, Romana V. *Palestra sobre Agostinho da Silva e a obra “Filosofia Enquanto Poesia”*. Disponível em: <https://youtu.be/U9CNCB90teU>. Acesso em: 20 abr. 2023.

¹⁴ SILVA, 2021, p. 148.

¹⁵ No original: actual.

¹⁶ CÉSAR, Constança M. *Olhares luso-brasileiros*. Lisboa: MIL; Linda-a-Velha: DG Edições, 2015, p. 133.

Heidegger”¹⁷. No âmbito da escola de São Paulo, “a obra e a atividade especulativa de Agostinho da Silva, no período de mais intenso contato e convívio com os outros elementos da ‘Escola’, encontra-se mais próximo da linha de Vicente e Eudoro”¹⁸, que era perpassada pelo tema do sentido da existência humana de Vicente e pelas reflexões da poesia em Eudoro.

O pensar, neste contexto, pretende ir além de uma atividade isolada e mental. Como parte desta concepção de intelectual, Agostinho da Silva “instala-se em São Paulo (1947), mas, tempos depois, muda-se para a Serra de Itatiaia (Penedo), onde forma uma comunidade de cariz monástico e ecumênico”¹⁹, com Judith Cortesão, esposa de Agostinho, “e com os intelectuais brasileiros Dora e Vicente Ferreira da Silva”²⁰.

Para Constança Marcondes Cesar, sobre o pensar de Agostinho, Eudoro e Vicente:

Conhecendo o mundo contemporâneo, os três autores tentam compreender o sagrado de dois modos: *primeiro*, expõem suas fontes comuns na tradição grega, na fenomenologia da religião em Heidegger e que consiste na reapropriação do *passado*, encarado como inspiração para o homem actual (*sic*). O *segundo* modo consiste na proposição de *utopias* ou *ucronias* ou, ao menos, na sinalização de uma profunda mudança histórica, no surgimento de indícios da emergência de um novo tempo e de uma nova concepção de Deus (grifo do texto).²¹

Utopias que se constroem para além de uma razão técnica instrumental da modernidade. “Este tipo de pensar, que prioriza, ou ao menos valoriza o mito em relação ao logos, torna-se o fulcro de uma reflexão que supera a perspectiva tradicional a respeito do papel e do significado de filosofia”²², sinalizando uma diferenciação na produção intelectual que aproxima viver, segundo uma Filosofia,

¹⁷ CÉSAR, 2015, p. 133.

¹⁸ TEIXEIRA, António B. *A escola de São Paulo*. Lisboa: Mil: Movimento Internacional Lusófono; Linda-a-Velha: DG Edições, 2016, p. 163.

¹⁹ No original em português de Portugal: ecumênico.

²⁰ PINHO, 2006, p. 11.

²¹ CÉSAR, 2015, p. 134.

²² CÉSAR, 2015, p. 109.

e que, neste aspecto, a convivência faz parte estrutural deste filosofar.

A importância do pensar em interação comunitária – em que o pensar individual é produzido em trocas com amigos – remete a um importante horizonte de influência de Agostinho da Silva que foi o pensamento de Platão.²³ Esse será ainda um ponto comum com Vicente Ferreira da Silva em relação à sua ideia de o mito: “o mito é poiese”²⁴, “primordial, o desvelamento, para o homem, do dizer originário do Ser”²⁵, e não um pensamento que crê poder prescindir do mito.

2. O intelectual orgânico dos subalternizados em Gramsci

Nesta seção, o objetivo consiste em retomar o conceito de intelectual orgânico, como pensado por Gramsci, para estabelecer uma interlocução com a ideia de poética de Agostinho da Silva.²⁶ Tem-se no horizonte apresentar o conceito de Gramsci com a perspectiva de verificar o que ele tem em comum com o recorte apresentado sobre o pensar de Agostinho da Silva. Opera-se, com isto, o que Edmundo Fernandes Dias diz ser profícua a leitura de Gramsci: “tomá-lo como fonte de problematização. Não se trata de retificar sua teoria, de dar a ela o estatuto de verdade. Pelo contrário. O que se faz necessário é fazer avançar sua teoria e, com ela, o nosso conhecimento do real”²⁷.

2.1 O intelectual a partir do Caderno 12

²³ PINHO, 2021, p. 419.

²⁴ No original: *poíesis*.

²⁵ CÉSAR, 2015, p. 109.

²⁶ Nosso esforço de pesquisa, centra-se no pensamento de Agostinho da Silva, em geral, e, aqui, na sua ideia de poesia e filosofia, enquanto atividade que aproxima viver e pensar. A interlocução com um conceito em Gramsci, o de intelectual orgânico, se dá no sentido de explorar numa nova chave as reflexões do pensador luso-brasileiro. Esse tipo de aproximação conceitual ainda não se verifica entre os que estudam seu pensamento. Pretende-se, como movimento dialético, já ao final, indagar, como perspectivas para outros trabalhos, como essa referência teórica pode inspirar novas pesquisas no sentido de aprofundar o debate teórico sobre a atuação profissional dos/as cientistas das religiões.

²⁷ DIAS, Edmundo F. Sobre a leitura dos textos gramscianos: usos e abusos. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, São Paulo, a. 1, n. 1, p. 111-137, 1994, p. 125.

O tema que nos interessa no Caderno 12 de Gramsci é elaborado na forma de uma pergunta: “§1: Os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais?”²⁸. Essa pergunta problematiza a maneira como a atividade do intelectual é exercida. Procura-se desenvolver o pensamento sobre o tema, indagando a possibilidade de verificar de modo objetivo se esta atividade ocorre numa esfera livre de influências da vida social, em geral, e de algum setor socioeconômico, em particular. Para Gramsci:

O erro metodológico mais difundido, ao que parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-la no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais.²⁹

Ao romper com uma ideia essencialista ou intrínseca do que seja o intelectual, Gramsci perspectiva superar a ideologia que apenas alguns podem ser intelectuais, e, com isto, ele propõe que o intelectual, em função das relações sociais que exerce, define-se não pelo uso da razão nesta ou naquela atividade que desenvolva. “Na verdade, o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais”³⁰. Ser intelectual, nessa lógica, caracteriza-se no exercício de uma atividade diretiva, expressando, deste modo, uma relação social dedicada à direção intelectual, segundo os interesses de uma classe social. Nesta atividade, a função central é sempre atualizar os princípios de uma classe social. O intelectual, neste sentido, não seria algo geral, isto é, pelo uso da razão apenas. “Seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”³¹.

Esta função que define o intelectual orgânico como vinculado à sua interação numa dada sociedade, leva a indagar sobre frações

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 15.

²⁹ GRAMSCI, 2001, p. 18.

³⁰ GRAMSCI, 2001, p. 18.

³¹ GRAMSCI, 2001, p. 18.

sociais que hoje exercem o papel de uma hegemonia. Ao considerar que na contemporaneidade a burguesia é uma importante fração social, sem descurar o fato de haver variados coletivos de trabalhadores como sindicatos e movimentos sociais em disputa narrativa, deve-se ter no horizonte que ela também tem o seu tipo de intelectual vinculado aos seus interesses. “O empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito”³². Os intelectuais vinculados às outras frações da sociedade, mesmo que em disputas narrativas, serão situados nas interações sociais como subalternizados. Pelo que também não se fala em essência, mas em situação. Os subalternos são postos neste lugar, que é situacional e não uma natureza, especialmente pela narrativa dos intelectuais orgânicos da burguesia.

Neste caso, os intelectuais orgânicos da burguesia irão produzir a coesão social pela ideologia, buscando manterem-se hegemônico neste terreno. E, entre os subalternos, a ideologia tem um caminho diferente da burguesia. Semeraro, entremeado pelas citações de Gramsci, argumenta o seguinte:

A hegemonia que deve ser construída pelas classes populares – alertava Gramsci – ‘não é o instrumento de governo de grupos dominantes que procuram o consenso e impõem a hegemonia sobre as classes subalternas’. Essas, ao contrário, ‘tem interesses em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis’ (Q 10, § 41, p. 1320) e buscam estabelecer uma ‘relação pedagógica’ (Q 11 §67, p. 1505; Q 13, § 36, p. 1635) entre os governantes e os governados, de tal modo que se possa superar a concepção de poder como dominação e possam ser dadas as condições para que todos venham a ‘tornar-se dirigentes’.³³

Em termos lógicos, o subalternizado não pode pretender apenas estruturar o seu fazer pautado nos mesmos princípios culturais burgueses. Pelo exposto, o giro da contracultura e contra ideologia hegemônica se encaminha para não querer imitar o expediente do intelectual burguês. A construção de uma ideologia a partir dos subalternizados implica ir além de imitar o que é proveniente da burguesia. Não se trata de uma substituição simples

³² GRAMSCI, 2001, p. 15.

³³ SEMERARO, 2007, p. 101.

de posição. A mudança passa por modificar a forma de estruturar o próprio poder e a atividade do intelectual orgânico dos subalternizados deve refletir estas modificações. No seu contato com os subalternizados, nos movimentos sociais e nos sindicatos, uma pedagogia apropriada implicará tornar nesta relação de natureza cooperativa de modo que neste fundamento exista o máximo de protagonismo de todos envolvidos.

Esta compreensão da diferença entre o intelectual ligado à fração social burguesa e aquele ligado à fração dos subalternizados é uma percepção estratégica. Será esta a forma de conduzir a atividade diretiva a partir dos subalternizados, e não nas chaves e nas referências da ideologia hegemônica.

2.2 O contexto da ação diretiva do intelectual orgânico

A compreensão do campo de ação do intelectual orgânico, segundo propõe Gramsci, evoca o tema da cultura e da hegemonia cultural. De acordo com Luciana Aliaga, “Gramsci chega à concepção de dirigente político, ou, em outros termos, à abordagem política do intelectual como um elemento decisivo para a construção da hegemonia dos grupos em disputa no interior das relações sociais de força”³⁴.

Desta concepção, pode-se derivar a ideia da organização de uma única fração do Estado, pois as frações sociedade, política e sociedade civil são uma mesma coisa do ponto de vista do poder hegemônico. A aparente divisão ocupa apenas funções distintas a serviço dessa hegemonia. “Estado igual a sociedade política mais sociedade civil, ou seja, hegemonia encouraçada de coerção”³⁵. O Estado representa apenas uma função diretiva no uso dos aparatos culturais e legal da força para produzir coerção em torno de uma ideologia hegemônica. Porém, na esfera da sociedade civil, a classe hegemônica irá exercer seu domínio com a capacidade de propor pautas culturais. Os temas e problemas que irão se manifestar na vida cotidiana das pessoas serão dispostos segundo os interesses dominantes. Nos dois casos, pela força e pelo convencimento,

³⁴ ALIAGA, Luciana. A questão política dos intelectuais: as “elites” dirigentes nos Quardeni del Carcere de A. Gramsci. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 157-172, 2011, p. 162.

³⁵ BIANCHI, Alvaro; ALIAGA, Luciana. Força e consenso como fundamento do Estado: Pareto e Gramsci. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, p. 17-36, 2011, p. 29.

produz-se o consenso da hegemonia burguesa que engendra a vida social como um todo. Gramsci explica o seguinte:

O exercício ‘normal’ da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações –, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados.³⁶

Consenso que é anunciado como pacificado pelas ideologias burguesas, porém, a partir do pensamento de Gramsci, será um silêncio forçado de tudo que não interessa para manutenção do poder hegemônico. O silêncio é produzido ora pela força policial e legal ou do que culturalmente é aceito como válido. E, nesta esfera, tem-se uma imensa gradação de intelectuais orgânicos burgueses que irão exercer suas atividades diretivas, de modo sempre mediado pelos jornais, escolas e todo tipo de sistema formal de ensino.

A cultura, em sentido bem alargado, torna-se espaço e território de justificativa da ideologia hegemônica burguesa. “A ideologia, nesse sentido, seria um instrumento privilegiado para a classe dominante assegurar a coesão social e, também, uma forma de as classes subalternas tomarem consciência de sua existência coletiva e da própria realidade de sua subordinação”³⁷. Destaca-se que, numa leitura a partir de Gramsci, a coesão é produzida pela coerção, o que leva o tema para o debate sobre a ideologia.

Aqui, mais uma vez, o tema do valor e a esfera da cultura, inscrito na esfera estética do gosto, é estratégico para avançar na compreensão de uma face do contexto em que o intelectual orgânico exerce a sua atividade. “A ideologia interpela emoções profundas, pois vincula valores a afeto”³⁸. Segundo Lima Vaz:

³⁶ GRAMSCI, 2001, p. 95.

³⁷ PERRUSI, Artur. Sobre a noção de ideologia em Gramsci: análise e contraponto. *Revista Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 415-442, 2015, p. 418.

³⁸ PERRUSI, 2015, p. 423.

A teologia, [...], é uma grandeza cultural na história da cultura do Ocidente. Creio que é uma grandeza constitutiva da tradição, sobretudo, filosófica: o termo ‘teologia’ nasceu da filosofia, é um termo criado por Platão. Todas as filosofias até Hegel, na minha opinião, tiveram uma dimensão teológica, só que a teologia mudou de face, de feição, de expressão, mudou até de destinação dentro da própria sistemática filosófica; mas filosofia e teologia, de certo modo, foram grandezas correlativas ao longo de toda a história. Podemos dizer que o que chamamos metafísica [...] é na verdade, a teologia das filosofias. Quando a filosofia ultrapassa os domínios daquilo que, de alguma maneira, é diretamente acessível à experiência e controlado por ela, entra neste domínio que Platão chama de ‘supra-sensível’, inteligível [...] Este é, para mim, um domínio no qual o problema teológico se apresenta inevitavelmente, porque se apresenta o problema da ordem das realidades e toda ordem supõe um princípio ordenador, tornando-se então, de alguma maneira, uma teologia.³⁹

A definição do conceito de cultura, para contemplar de modo adequado a esfera do valor, deve ser alargado. Ao incluir o tema da Teologia ou do fenômeno religioso, além da Arte e da Filosofia, como território de construção de sentido humano, compreende-se que aí está o contexto da atuação do intelectual orgânico. Tomar a cultura humana com foco apenas numa faixa racional é deixar de lado todo o conjunto de temas que atuam naquela formação da visão de mundo ou de valores que sustentam a construção da hegemonia cultural.

O abandono desta perspectiva da Filosofia, que se centra apenas no *logos*, tem outros aspectos de investigação, segundo Lima Vaz: “a filosofia, hoje, ou presta um serviço ideológico, ou é uma erudição; este, aliás, é o uso mais comum que se faz dela atualmente”⁴⁰.

3. O cientista das religiões e a ação diretiva do intelectual orgânico como poética

³⁹ LIMA VAZ, Henrique C. Filosofia e forma da ação. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 2, p. 77-102, 1997, p. 88.

⁴⁰ LIMA VAZ, 1997, p. 89.

Nesta seção, reflete-se sobre a ação dos/as cientistas das religiões a partir da ideia de intelectual orgânico dos subalternizados enquanto agir poético. Neste contexto, tem-se como horizonte o desafio profissional de ser caracterizado por uma ação poética como estratégia de produção de sentido a partir dos subalternizados. O tema do lugar de fala,⁴¹ ou o desafio de se produzir uma ideologia própria dos subalternos, será tratado no quadro da poesia de Agostinho da Silva e do intelectual orgânico, conforme delimitado na segunda seção deste artigo. Para tanto, pergunta-se como e se é possível orientar a prática profissional dos/as cientistas das religiões nesta chave interpretativa.

3.1 A poesia como estratégia de ação dos/as cientistas das religiões

Tem-se como perspectiva, no recorte de Agostinho da Silva,⁴² considerar como metodologia capaz de atender adequadamente a atuação dos/as cientistas das religiões, enquanto intelectuais orgânicos. A forma como se produz o conhecimento de referência da atuação profissional, neste contexto, precisa ser consciente de seus processos e, por isso, política, sendo a poesia esta possibilidade. Em Gramsci, “o conhecimento passa a ter um papel político, pois ‘uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento é um fato de conhecimento, uma fato filosófico’”⁴³.

⁴¹ Sobre o tema da fala do subalterno indicamos a seguinte literatura: SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010. Para o tema da formação da classe subalterna em Gramsci, sugere-se: DEL ROIO, M. Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 29, p. 63-78, 2007.

⁴² Conforme a nota 8: sobre o conceito de poesia em Agostinho da Silva, que se mostra nos seus textos de múltiplas formas, devemos ter em tela que o autor dialoga com a tradição filosófica e filológica a partir de Platão e Aristóteles. Eudoro de Sousa, amigo com quem compartilha boa parte das reflexões estéticas, trata de modo mais direto o tema nas suas traduções sobre a Poética de Aristóteles. Saiba mais em: SOUSA, Eudoro. *A poética*: tradução prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986. Confira ainda em reflexões sobre a poesia: SOUSA, Eudoro. *Arte e escatologia in Dioniso em Creta*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2004.

⁴³ PERRUSI, 2015, p. 421.

A tomada da Filosofia poética como método não constitui uma estratégia exclusiva dos/as cientistas das religiões. Esta ideia se articula com o debate sobre a educação popular presente no pensamento de Paulo Freire.⁴⁴ A partir deste quadro multiprofissional, será possível orientar as propostas aqui articuladas. Ao examinar os eixos estruturantes da formação inicial, através do currículo nacional da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), nota-se uma convergência em “atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime e igualitária”⁴⁵. Esta defesa da justiça, da coexistência e do respeito pela diversidade permite estabelecer e avançar para o diálogo com a ideia de poética em Agostinho da Silva.

A interação entre mestre-discípulo se orienta na perspectiva de uma liberdade para a criatividade. Uma relação pedagógica a partir das classes subalternizadas deverá no seu fazer ser estruturalmente libertária, “pois uma noção de ideologia centrada nos processos de conscientização ou de politização tolhe a compreensão dos mecanismos inconscientes e dissimulados da dominação”⁴⁶. Não se pode conceber a atuação profissional enquanto um portador de uma verdade a ser levada aos subalternizados. O método precisa compreender que esta verdade será construída junto com esta classe social. “O fato de não procurar em ti a verdade não leva a concluir que não procure; em segundo lugar, creio que seria problema importante o de sabermos até que ponto temos sempre a poesia, não a verdade”⁴⁷. A poesia como atividade de confecção e não como mera distribuição de ideias que, em Agostinho da Silva: “exerce-se [...] como *poíesis*, quero dizer, ‘criação’, ‘fabricação’, ‘confecção’”⁴⁸.

A referência das DCNs para a Licenciatura em Ciência(as) da(s) Religião(ões) preconiza a formação profissional para atuar na defesa da diversidade. Esse ponto é oportuno para ser relacionado à disciplina de Linguagem Religiosa, em particular, ao tema da

⁴⁴ Sobre educação popular ao longo da vida, indicamos o trabalho de: GADOTTI, Moacir. *Educação popular e educação ao longo da vida*. Disponível em: https://paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

⁴⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 5, de 28 de dezembro de 2018*. [Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Licenciatura em Ciências da Religião e dá outras providências]. Brasília: MEC. Disponível em: [resolucao-no-5-de-28-de-dezembro-de-2018.pdf](https://www.mec.gov.br/resolucao-no-5-de-28-de-dezembro-de-2018.pdf) (ufpb.br). Acesso em: 02 set. 2023.

⁴⁶ PERRUSI, 2015, p. 423.

⁴⁷ SILVA, Agostinho. *O estoicismo*. Lisboa: [s.n.], 1941, p. 140.

⁴⁸ PINHO, 2021, p. 419.

capacidade de produzir novas narrativas, que também está associada à ideia da poesia como exercício. Segundo Paulo Nogueira, ao aproximar linguagem e religião, chega-se ao seguinte resultado: “nossa analogia da linguagem com a religião propõe, portanto, as seguintes parcerias de sistemas semióticos elementares: Gesto: rito, sequenciamento. Imagem-Metáfora: Ícone-Poesia, associação. Narrativa: Mito, sequenciamento”⁴⁹.

Desta articulação conceitual entre poesia, intelectual orgânico e da tríade semiótica, a atuação profissional em tela pode ser pensada como capaz de atuar no sentido de dar voz e vez àqueles que são subsumidos por uma narrativa ideológica hegemônica. Pode-se, então, pautar-se, profissionalmente, numa articulação ideológica junto às frações sociais de subalternos, segundo o conceito em Gramsci,⁵⁰ pelos instrumentais da poesia de Agostinho da Silva, sobretudo nos aspectos que se relacionam com os objetos semânticos da disciplina Linguagem da Religião. “As linguagens da religião se empenham em narrar e representar coisas díspares, impossíveis e excludentes. Elas tentam dar sentido a um mundo percebido como regido pela morte e pelo caos”⁵¹.

3.2 Agostinho da Silva como poeta a nos inspirar como cientistas das religiões

No esforço de compreender o intelectual como aquele que atua dirigindo atividades utilizando-se de um fazer poético neste processo, Agostinho da Silva e sua biografia constituem fonte de pesquisa e inspiração para atuação profissional dos/as cientistas das religiões. Como seus biógrafos relatam, desde a sua chegada ao Brasil, no ano de 1944, até seu regresso a Portugal, em 1969, ele participou de inúmeros projetos culturais e universitários no país, sendo fonte de uma poética vivida.

⁴⁹ NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016, p. 251.

⁵⁰ O tema se haveria uma classe subalternizado, mesmo correndo o risco de uma abstração generalizada, foi objeto específico de reflexão em Gramsci, pois, segundo Del Roio, “possibilita a análise apurada de particularidades as mais diversas dentro de uma tendência geral à unificação do gênero humano”. Para mais informações, confira: DEL ROIO, 2007, p. 69.

⁵¹ NOGUEIRA, 2016, p. 253.

Agostinho da Silva atuou na criação de vários departamentos universitários no Brasil,⁵² e instituições culturais e de pesquisa, tais como, o Centro de Estudos Afro-Orientais.⁵³ Depois, contribuiu no início da Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, por onde também exerceu atividade de Secretário Estadual de Cultura. Por último, sua participação ocorreu na fundação da Universidade de Brasília, com foco no Departamento de Cultura e Língua Portuguesa. Por todo esse percurso de atividades como articulador,⁵⁴ não será estranho a similaridade com o conceito de intelectual orgânico de Gramsci. O pensador luso-brasileiro se mostra como um pensador para além de textos escritos, ou seja, como dirigente de atividades.

O estilo da escrita de Agostinho da Silva consiste ainda numa forma consoante a ideia de poesia como instrumento do pensar diretivo. A opção por diálogos, artigos jornalísticos e poemas, pode ser compreendida como uma forma que se modifica para manifestar um novo conteúdo. Conteúdo e forma, segundo Amon Pinho, faz desta escrita ser “trama do discurso filosófico entretecido à urdidura empírica da vida”⁵⁵, isto é, quando a escrita procura estar mais próxima do viver pensado. Por estes dois aspectos, pode-se encaminhar que o autor, enquanto intelectual orgânico, aproxima-se também da reflexão do que seja o indivíduo religioso. O líder religioso é por excelência esta figura que, para além do que ele ensina, é o que ele também vive junto a sua comunidade. Não é o caso de considerar o autor em tela um religioso, e sim como um pensador que procurou aproximar viver e pensar.

3.3 A ação profissional do/a cientista das religiões

Enquanto prática profissional, pode-se dizer que é mais habitual os/as cientistas das religiões exercitarem-se como professores/as de Ensino Religioso ou nos próprios cursos de formação universitária de Ciência(s) da(s) Religião(ões). Este exercício ainda pode ser verificado, em menor número, em instituições de assistência social e cultural vinculadas a alguma

⁵² UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). *TV UFBA apresenta – Agostinho da Silva*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5NDxVBIPSQ>. Acesso em: 20 abr. 2023.

⁵³ CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS DA UFBA. *Apresentação*. [s.d.]. Disponível em: <https://ceao.ufba.br/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁵⁴ Para uma biografia detalhada do autor, sugerimos: FRANCO, 2015, p. 736.

⁵⁵ PINHO, 2021, p. 425.

tradição religiosa. O desafio mais imediato da atividade profissional se dará na interação com estas realidades laborais. Os esforços nestes contextos serão no sentido de uma disputa de narrativas, especialmente na esfera da construção de valores ideológicos que sejam capazes de articular as vozes dos subalternizados.

Outra frente possível de atuação profissional deve ter no horizonte não um lugar já pronto para atuação, mas os problemas em torno do fenômeno religioso nos espaços públicos. Ao considerar o *Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015): resultados*,⁵⁶ nota-se que há por variados espaços na sociedade brasileira práticas de intolerância e até mesmo de violência religiosa. Em face desta realidade, para além de uma oportuna atualização do relatório, os/as cientistas das religiões unidos/as de uma filosofia-poética, para nos restringirmos ao recorte que fizemos, pode se engajar como agente de promoção naquele processo de catarse dos subalternizados, seja em lugares já consolidados do exercício profissional como o magistério e da pesquisa, seja na construção de novos lugares, especialmente a partir dos meios eletrônicos de comunicação.

Os/as profissionais cientistas das religiões, enquanto agentes de libertação, têm como perspectiva aquilo que Semeraro, citando Gramsci, indica: “a transformação do indivíduo passivo e dominado pelas estruturas econômicas em sujeito ativo e socializado capaz de tomar iniciativa e se impor com um projeto próprio de sociedade”⁵⁷. Neste sentido, encontrará na ação profissional pautada por uma poética filosófica uma forma de atuação.

Conclusão

No percurso deste artigo, buscou-se relacionar o conceito de intelectual orgânico de Gramsci, que conta com um amplo debate nas pesquisas das Ciências Sociais e na historiografia da Filosofia, com alguns aspectos da poética de Agostinho da Silva, um autor mais restrito às pesquisas da Filosofia luso-brasileira. Nossa hipótese foi verificar se haveria pontos comuns entre as duas ideias. Pelo que se constata, mesmo sem utilizar os termos de Gramsci, Agostinho da Silva foi por sua biografia e por sua produção escrita, uma figura de intelectual orgânico dos subalternos. Enquanto fonte

⁵⁶ FONSECA, Alexandre B.; ADAD, Clara J. *Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares*. Brasília: SEDH, 2016, p. 23-27.

⁵⁷ SEMERARO, 2007, p. 99.

de estudos, sua obra e sua atuação em várias universidades brasileiras mostram-se nesta perspectiva de intelectual. Esta aproximação permitiu constatar semelhanças, como também pontos culturais e contextuais diferentes. Gramsci e seu contexto biográfico e reflexivo difere de Agostinho da Silva e seu contexto, sobretudo o brasileiro.

Os resultados desta comparação nos instigam tomar o pensamento de Agostinho da Silva como uma epistemologia capaz de orientar pesquisas futuras que investiguem a partir das especificidades da cultura brasileira: em que medida o fazer poesia como pensar próximo ao viver constitui uma estratégia profícua no processo de articulação ideológica a partir dos subalternizados, já se articulando com os conceitos de Gramsci? Ainda neste balanço e no que ele nos faz pensar a partir dele, a poética em causa implica numa pedagogia. A atuação de Agostinho da Silva, sobretudo nos anos de atuação no Brasil, foi suporte vivo desta pedagogia que se mostra no dirigir atividades, pelo que poderá ser investigado nesta articulação conceitual de intelectual orgânico e contextualizado na cultura brasileira.

Por fim, a partir das premissas de que há pontos comuns entre a Filosofia poética e o conceito de intelectual orgânico, sobretudo na ideia de pensamento enquanto ação diretiva e o pensar viver, pode-se ainda interrogar: em que medida essa leitura do que aproximou o pensamento de Agostinho da Silva ao conceito de intelectual orgânico de Gramsci poderá ser para os/as cientistas das religiões fonte de pesquisas e referencial teórico na organização da sua prática profissional? Valendo-se justamente desta pedagogia que desprende dos traços da sua filosofia-poética, será oportuno pensar como aprofundar e desenvolver a organização de uma prática profissional inspirada neste quadro teórico, sobretudo, com o problema de que novas práticas profissionais deverão ser construídas sob uma nova chave de sentido, para além dos lugares já consolidados, pelo que a poesia filosófica como exercício criação torna-se uma referência oportuna.

Referências

ALIAGA, Luciana. A questão política dos intelectuais: as “elites” dirigentes nos Quardeni del Carcere de A. Gramsci. Revista Eletrônica Arma da Crítica, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 157-172, 2011.

- BIANCHI, Alvaro; ALIAGA, Luciana. Força e consenso como fundamento do Estado: Pareto e Gramsci. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, p. 17-36, 2011.
- BORGES, Paulo. Do “nada que é tudo”: a poesia pensante e mística de Agostinho da Silva. *Revista Convergência Lusíada*, São Paulo, v. 21, n. 23, p. 292-325, 2007.
- CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS DA UFBA. Apresentação. [s.d.]. Disponível em: <https://ceao.ufba.br/>. Acesso em: 30 mai. 2023.
- CÉSAR, Constança M. Olhares luso-brasileiros. Lisboa: MIL; Linda-a-Velha: DG Edições, 2015.
- DEL ROIO, M. Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 29, p. 63-78, 2007.
- DIAS, Edmundo F. Sobre a leitura dos textos gramscianos: usos e abusos. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, São Paulo, a. 1, n. 1, p. 111-137, 1994.
- FRANCO, António C. O estranhíssimo colosso: uma biografia de Agostinho da Silva. Lisboa: Quetzal Editores, 2015.
- FONSECA, Alexandre B.; ADAD, Clara J. Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares. Brasília: SEDH, 2016.
- GADOTTI, Moacir. Educação popular e educação ao longo da vida. Disponível em: https://paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELW_Gadotti.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LIMA VAZ, Henrique C. Filosofia e forma da ação. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 2, p. 77-102, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Resolução n° 5, de 28 de dezembro de 2018. [Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Licenciatura em Ciências da Religião e dá outras providências]. Brasília: MEC. Disponível em: <resolucao-no-5-de-28-de-dezembro-de-2018.pdf> (ufpb.br). Acesso em: 02 set. 2023.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.
- PERRUSI, Artur. Sobre a noção de ideologia em Gramsci: análise e contraponto. *Revista Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 415-442, 2015.

PINHO, Amon; PINHO, Romana V. Palestra sobre Agostinho da Silva e a obra “Filosofia Enquanto Poesia”. Disponível em: <https://youtu.be/U9CNB9oteuI>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PINHO, Amon. Filosofia enquanto poesia: sete cartas a um jovem filósofo, conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos. São Paulo: É Realizações, 2021.

PINHO, Romana V. O essencial sobre Agostinho da Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 2006.

PINTO, Paulo R. M. A tarefa da filosofia brasileira. Revista Outra Margem, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-14. 2017.

SEMERARO, Giovanni. Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil. Revista Sociologia Política, Curitiba, n. 29, p. 95-104, 2007.

SILVA, Agostinho. Filosofia enquanto poesia: sete cartas a um jovem filósofo, conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos. São Paulo: É Realizações, 2021.

SILVA, Agostinho. O estoicismo. Lisboa: [s.n.], 1941.

SOUSA, Eudoro. A poética: tradução prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

SOUSA, Eudoro. Arte e escatologia in Dioniso em Creta. Lisboa: Imprensa Nacional, 2004.

SOUZA, Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TEIXEIRA, António B. A escola de São Paulo. Lisboa: Mil: Movimento Internacional Lusófono; Linda-a-Velha: DG Edições, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). TV UFBA apresenta – Agostinho da Silva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5NDxVBIPSQ>. Acesso em: 20 abr. 2023.